



A construção do processo crítico-irônico: o episódio da bola de papel no *Jornal Nacional* e *Observatório da Imprensa*¹

Adriana Domingues Garcia²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Resumo: O artigo apresenta uma análise dos processos críticos desempenhados no episódio midiático da bola de papel, ocorrido no segundo turno do pleito eleitoral à presidência de 2010 entre Dilma Rousseff e José Serra. Parte-se da hipótese que, durante esse período, foram intensificados os debates sobre escândalos no âmbito midiático, como estratégia de campanha política para desqualificar o oponente. No caso estudado será feito um mapeamento da *circulação* de informações, desde a construção noticiosa, do *Jornal Nacional*, da Rede Globo, até a construção crítica especialista e leiga, do site *Observatório da Imprensa*. A partir disso, será realizada uma análise empírica dos índices e marcas discursivas para descrever e identificar as processualidades interacionais empregadas para construir a crítica desse episódio comunicacional.

Palavras-chave: Dispositivo Interacional; Sistema de Resposta Social; Nova Crítica; *Jornal Nacional*; *Observatório da Imprensa*.

Introdução: circunscrição empírica

O segundo turno da disputa presidencial de 2010 (de 3 a 31 de outubro) suscitou inúmeros episódios de escândalos expostos na mídia e, conseqüentemente, na esfera pública. Entre os assuntos mais polêmicos, esteve a suposta agressão física sofrida pelo candidato José Serra, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), por uma bola de papel e por um rolo de fita adesiva, durante uma caminhada de campanha eleitoral na cidade do Rio de Janeiro, no dia 20 de outubro.

O acontecimento construído pelo *Jornal Nacional*, no dia seguinte, 21 de outubro, foi demarcado pela responsabilização pelo fato a militantes do partido de oposição, Partido dos Trabalhadores (PT). A reportagem utilizou inúmeros recursos técnicos para justificar que José Serra não teria sido atingido somente por uma bola de papel, mas também por um rolo de fita adesiva. Este produto jornalístico teve grande repercussão no debate público, devido ao destaque recebido na programação do telejornal, 7 minutos e 5 segundos, e ao detalhamento e repetição das informações aos telespectadores.

¹ Trabalho apresentado no DT 5 Multimídia – GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Jornalista, mestranda em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na Linha de Pesquisa Mídia e Processos Sociais. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: adrigarcia_sm@hotmail.com.



Os processos críticos construídos a partir desta notícia do *Jornal Nacional* geraram grandes discussões públicas sobre as práticas do jornalismo da Rede Globo. O site *Observatório de Imprensa (OI)* abordou a questão sob diversos ângulos, mas para esta análise será empregado o artigo publicado no dia 26 de outubro, *JN e o meteorito de papel*, do articulista fixo do site, Washington Araújo, assim como os respectivos comentários dos internautas.

Os processos a serem investigados, neste estudo, circundam o âmbito da crítica das práticas, ou seja, da construção da notícia e da avaliação de especialistas e de leigos sobre a produção jornalística. Para isso, será adotada a perspectiva de Braga (2010) sobre *dispositivo interacional*, visto como um sistema de relações que colocam em funcionamento processualidades comunicacionais. De acordo com o autor, “dispositivos de interação são espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-erro, pelos agenciamentos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida” (BRAGA, 2010, p. 4).

A estes processos, nos interessa investigar objetos materiais e imateriais heteróclitos, ou seja, constatar aspectos heterogêneos que de algum modo se articulam em um determinado processo sociocomunicacional. Para Braga (2010), os elementos que integram o todo são de ordem da codificação, como a linguagem, por exemplo; de ordem prática, circunstancial, inferencial; e também técnicos, culturais, e essencialmente comunicacionais. Entretanto, a estrutura que se organiza nesse sistema é *ad hoc*, prática e pragmática. “funciona enquanto funciona, recuperando, portanto sua historicidade” (BRAGA, 2010, p. 2). Assim, evita-se a separação radical entre estruturas e processos, sendo que o aspecto articulador e organizador do *dispositivo interacional* decorre historicamente dos processos.

Na visão de que um *dispositivo* é “um modo de fazer socialmente tornado disponível” (BRAGA, 2010, p. 3), as relações se constituem alargadamente pelas conexões que mantemos entre nós, os outros e o mundo. No entanto, não é o elemento tecnológico que se destaca no processo, mas sim, dá direção e sentido a seu uso, levando à construção crítica do leitor, aos modos de endereçamento, às promessas e contratos, isto é, aos processos que cercam dois fatores cruciais: a *circulação midiática* (de produtos) e a *circulação social* (de resposta social compartilhada).

Nesse parâmetro situa-se o caso da bolinha de papel como um episódio comunicacional inserido em um *dispositivo* social de crítica da mídia, o site *OI*, este por sua vez que faz parte de um *dispositivo interacional* mais abrangente que perpassa os



diversos setores da sociedade. Podemos visualizar o raciocínio da seguinte forma: *dispositivo interacional* = {media criticism \in mídia \in sociedade}. A figura abaixo mostra a sociedade, que abrange todos os setores como política, economia, religião, cultura e educação, etc, mídia e crítica da mídia. A mídia está representada pelos especialistas em comunicação, como jornalistas, publicitários, relações públicas, etc. Já o *dispositivo* de crítica da mídia (*media criticism*), em vermelho, perpassa o campo midiático e a sociedade. Circunscrito neste estudo, este sistema de relações coloca em funcionamento processualidades interacionais da crítica.

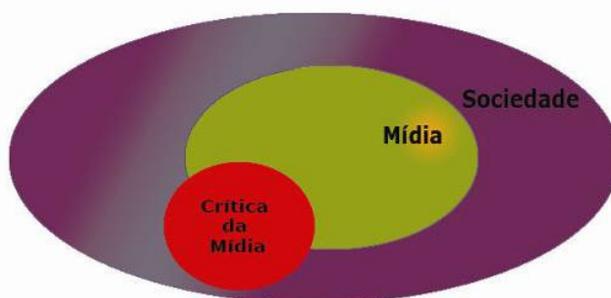


Fig. 1 - Circunscrição do *dispositivo interacional*

Nesta perspectiva, entende-se que o que está em *circulação social* no *dispositivo interacional* faz parte de um movimento de sociedade, esta por sua vez que nos últimos anos, por desconfiança, começou a desenvolver estratégias de participação nas construções midiáticas. Com isso, novos espaços transformaram-se em outros lugares de saber. Essas afirmativas são conjecturadas à ambiência em vias de midiaticização, em que as interações sociais ocorrem de forma complexa, convergente, difusa e diversa. Portanto, geradora de inúmeras e prováveis produções de sentido, nos seus mais variados níveis.

No *OI*, constata-se que os conteúdos gerados são construídos e colocados em *circulação* em meio a embates, tensionamentos, processos polêmicos e agonísticos produzidos nas esferas de produção, recepção, *circulação* e de resposta social. Pretende-se, a partir disso, analisar e compreender a processualidade comunicativa desenvolvida neste espaço construído, visto como um *dispositivo* específico de crítica midiática, que faz parte de um complexo social mais amplo.



A caracterização do *Observatório da Imprensa*

O site *Observatório da Imprensa (OI)* é um espaço aberto de debate e militância sobre as práticas jornalísticas. É baseado por normas e regras profissionais que visam o compromisso com a apuração dos fatos, a defesa do interesse social, a ideia da objetividade e isenção. Segundo a própria organização, “O Observatório da Imprensa propõe-se a funcionar como um atento mediador entre a mídia e os mediados, preenchendo o nosso espaço social, até agora praticamente vazio”³.

O veículo foi pioneiro no Brasil, como integrante de um inovador processo de criação de vínculos, em que o indivíduo exerce sua cidadania eletronicamente ou virtualmente, dando sua opinião e manifestando suas frustrações, sem quase nenhum tipo de censura, via internet. Surgiu como uma organização que se propõe a analisar o desempenho dos veículos de comunicação, desde 1996, ainda quando a internet estava surgindo no Brasil. Foi um dos primeiros veículos a fazer o processo inverso de convergência midiática, sendo criado para a web, passando ao ambiente televisivo e depois ao radiofônico, e por fim, passou a distribuir uma edição impressa, esta transposta do veículo virtual para o convencional.

Depois de 14 anos no ar, muitos recursos tecnológicos são utilizados. Cerca de 30 mil internautas cadastrados recebem boletins informativos semanais das atualizações do site nos seus e-mails, além da veiculação em mídias tradicionais como rádio e televisão estatais, que dão acesso ao público mais amplo. Com a ampliação do espaço de participação e voz do público, a chamada grande mídia, ostentadora do monopólio de comunicação, passou a ter a avaliação de seus conteúdos por especialistas e leigos. Isso fez com ela se autocontrolasse também, assim gerando novas práticas e regras de funcionamento.

Os veículos de crítica da mídia representam grandes avanços para a sociedade, no que diz respeito aos processos de reflexão sobre as informações que circulam na esfera pública. A crítica jornalística especializada do *OI* pode contribuir para uma participação mais eficaz do seu público, no debate tanto sobre a atuação da mídia quanto a ação dos demais setores da sociedade. A processualidade interacional do site reinsere na *circulação* social manifestações com teores críticos sobre a mídia e fornece perspectivas para que sejam absorvidas e incorporadas ao debate público concreto, a partir de compartilhamentos por parte dos internautas.

³ Objetivos: *Para que um Observatório da Imprensa?* (<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/objetivos.asp>)



A insurgência dos modelos de processos comunicacionais convergentes e a dinâmica intrínseca ao jornalismo digital criam uma interface entre produtor e receptor, devido aos processos colaborativos e participativos do público. O caráter marcante nessas práticas e processos é a multidimensionalidade interativa e a diversidade de dispositivos que acionam a construção de sentidos.

O processo crítico hoje

Das novas processualidades interativas emanam formas de comunicação mais complexas. Os campos sociais trabalham culturas, lógicas operacionais e dinâmicas que afetam a própria sociedade, a partir de suas práticas e operações tecnodiscursivas. No patamar em que as processualidades se encontram, além dos dispositivos sócio-técnico-discursivos, há um trabalho dinâmico realizado pela própria sociedade e pelos meios de comunicação que complementa esse complexo interacional.

Desse emaranhado, surgem processos críticos que refutam modelos racionais de dominação, de poder e de eliminação da oposição, como defende Marcondes Filho (2002) sobre a nova crítica. Para o autor, estamos vivenciando uma nova crítica, constituída de oposições e paradoxos que convivem em um mesmo território. Essa realidade desloca o princípio de contradição hegeliano, baseado no espírito, que falava da convivência de contrários e de sua evolução no intuito de supremacia de um e liquidação de outro. Essa era uma visão de dominação unitária do espírito absoluto. Da mesma forma, o marxismo, baseado na matéria, pregava uma sociedade única, com o fim da luta de classes. Já os frankfurtianos tinham uma raiz crítica, um ideal positivo de verdade, de autenticidade, do bom e do belo. Segundo o autor, esse foi o motivo para a Teoria Crítica ter se tornado um julgamento da técnica, dentro do princípio heideggeriano.

Na contemporaneidade, ao invés de contradição, a ideia de paradoxo é mais adequada, segundo Marcondes Filho (2002), por trabalhar o real como espaço múltiplo.

A crítica às atividades mediáticas desta forma é possível e, ao mesmo opera sem o sujeito do conhecimento da tradição iluminista. Ela permite fazer-se a crítica sem o hipostasiamento do homem, de sua razão, de forma totalmente desvinculada de seus sonhos oceânicos de controle e administração de tudo que estivesse a sua frente (MARCONDES FILHO, 2002, p.19).

Com isso, o autor entende que nos dias atuais não é mais possível uma crítica na perspectiva clássica, mas sim a que se apropria dos formatos da crítica cínica, irônica e



estética, isto é, uma crítica que expanda horizontes e que ao mesmo tempo envolva com sua parcialidade ideológica apaixonante.

Para Marcondes Filho (2002), essa constatação gera falácias como a de que qualquer pessoa tenha capacidade intelectual de julgar culturalmente algum produto midiático. No entanto, o autor sugere que a crítica institua uma *teoria do valor cultural* para definir bases razoáveis para a apreciação de bens culturais e midiáticos, para evitar a submissão aos valores de mercado. Mesmo assim, o autor reconhece que há critérios intrínsecos às apreciações dos receptores. O movimento inovador nesse processo é que, nos últimos anos, surgiram outros valores culturais e fruições, baseados em novos critérios de apreciação colocados em *circulação* na esfera pública.

Nesse sentido, entende-se que o *OI* posiciona-se dentro desse processo como um direcionador de comportamentos, um *dispositivo* de emancipação, tradução, esclarecimento e ampliação crítica. A crítica é inerente ao receptor no processo de apropriação e negociação dos conteúdos, entretanto, a crítica especializada oferece parâmetros de análise para a formação de opinião. O ciclo retroalimenta-se quando o sujeito pode manifestar e compartilhar as ideias.

Para Braga (2002) os *media criticism* ensinam o usuário de mídia a fazer bom uso dos meios. Assim, eles exercem uma função geral de desenvolvimento de competências de interação na sociedade, no que se refere aos materiais e processos midiáticos que essa sociedade gera, faz circular e usa para diferentes propósitos. No entanto, isso não significa qualitativamente que os processos são eficazes, já que a fragilidade da crítica implica em interações pobres.

Nessas perspectivas, infere-se que os processos críticos que circulam na sociedade atual devem ser pensados na transversalidade e não na dualidade do certo ou errado, bom ou ruim. Não podemos pensar na tentativa de dominação ou manipulação dos meios de comunicação. É mais propício analisar em que circunstâncias os processos de crítica da mídia direcionam-se para capacitar e dar subsídios para a construção crítica individual, que ocorre em um espaço coletivo de novas sensorialidades.

Metodologia: mapeamento da *circulação*

A análise desse artigo abordará questões teórico-metodológicas para o estudo das interações sociais (BRAGA, 2002, 2006) entre a sociedade, a mídia e a crítica da mídia no *Observatório da Imprensa (OI)*, visto como um movimento de sociedade em midiaticização que se organiza para se posicionar frente aos produtos midiáticos. A circunscrição dos materiais a serem analisados está delimitada em um episódio



comunicacional durante o segundo turno da disputa eleitoral à presidência em 2010: a agressão física do candidato José Serra com uma bola de papel e um rolo de fita adesiva, durante uma caminhada de campanha, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Para efeito desta análise, será delineado um *corpus* contendo: a) a reportagem produzida pelo repórter André Luiz Azevedo e exibida no *Jornal Nacional* de 21 de outubro de 2010; b) o artigo do mestre em comunicação, Washington Araújo, JN e o meteorito de papel, no site *Observatório da Imprensa (OI)*; c) comentários de internautas do site *OI*.

O primeiro procedimento metodológico será a descrição indicial que dará suporte para a análise de uma perspectiva especificamente da processualidade comunicacional apresentada pelo objeto empírico construído. Pretende-se com isso, fazer constatações para elaborar reflexões e inferências que nortearão o eixo desse estudo que considera a interação social como parte da *circulação*.

Após, serão criadas categorias analíticas, de acordo com o que esse material exige, para que elas ajam como indicadoras de movimentos de observação. Para além da percepção dos recursos concretos utilizados por esse veículo de crítica da mídia, sobre as convergências tecnológicas, pretende-se, com a construção do *corpus*, constatar outros dispositivos que agem na *circulação* entre sociedade, mídia e *OI*. Pretende-se com isso, analisar e compreender os processos comunicativos, os modos de interação, articulação e organização entre o site *OI*, como *dispositivo* específico de crítica midiática, o campo político e o público internauta.

Para arquitetar esse pensamento, toma-se a ideia de *circulação* como algo além do dispositivo, contextualizando com aspectos midiáticos para que se recupere o estritamente comunicacional, que é o que interessa ao campo da pesquisa em comunicação. A precaução será reforçada no intuito das categorias auxiliarem na elaboração de inferências mais aprimoradas sobre os processos comunicativos, nas suas construções argumentativas e críticas entre os agentes do site, que operacionalizam uma recepção produtiva e produção receptiva.

A metodologia desta análise está circunscrita no âmbito do circuito da *circulação*. Assim, será possível alcançar considerações dentro de uma lógica composta por processos e dispositivos sociais como um fator gerador de possibilidades de interação entre produtores, técnica e receptores, para que possa desdobrar novos processos simbólicos interpretativos (BRAGA, 2006). As marcas discursivas que devem ser analisadas no *corpus* fazem parte de um lugar de *circulação* que ultrapassa as barreiras da produção e da recepção. Esta visada faz com que as posições dos



interlocutores fluem, gerando novas economias comunicativas, novos contextos de produção, *circulação* e consumo.

Análise

O procedimento de análise é realizado por meio da descrição e inferência da movimentação dos objetos colocados em *circulação* em meio a embates, tensionamentos, processos polêmicos e agonísticos produzidos nas esferas de produção, recepção, *circulação* e de resposta social. A partir desse exercício, será possível, mesmo que tentativamente, compreender a processualidade comunicativa desenvolvida nesse espaço construído e verificar os processos críticos desempenhados no episódio midiático da bola de papel.

A tabela a seguir apresenta indícios e inferências consideradas pertinentes na reportagem produzida pelo repórter André Luiz Azevedo e ancorada pelo jornalista William Bonner, no *Jornal Nacional*⁴:

JN	Marcas das processualidades	Inferências
Frase de impacto	William Bonner: “O presidente Lula acusou hoje o candidato do PSDB, José Serra, de <i>ter mentido sobre a agressão que o candidato foi vítima ontem no Rio de Janeiro</i> ”.	Nesse trecho, as palavras em destaque remetem ao propósito principal da reportagem que é justificar que José Serra não simulou ou superdimensionou o fato para gerar polêmica, mas sim houve um segundo objeto que feriu o candidato.
Frase de impacto	Repórter André Luiz Azevedo (ALA): “Um grupo de militantes petistas <i>impediu a passagem</i> do candidato tucano”. “Em seguida chegou <i>um grupo maior de militantes petistas, e começou uma briga generalizada</i> ”.	Essa afirmação do repórter pretende responsabilizar os militantes petistas pela suposta agressão, já que em nenhum momento desqualifica a participação dos militantes tucanos.
Elemento dramático	ALA: “ <i>Fotos do Jornal O Globo mostram o candidato com as mãos na cabeça, depois de atingido por algum objeto</i> . Ele interrompeu a caminhada para fazer exames médicos”.	As imagens retiradas de outro veículo, associadas à fala do repórter dão um caráter dramático, tentando reforçar que o candidato tivesse realmente sofrido com o acontecido.

⁴ Pode ser visualizada em: <http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/perito-analisa-suposta-agressao-a-jose-serra-no-rio/1360677/#/Edi%C3%A7%C3%B5es/20101021/page/1> (21/10/2010).



Frase de impacto	Presidente Lula: “ <i>Venderam</i> o dia inteiro que <i>esse homem</i> tinha sido agredido. Uma <i>mentira mais grave</i> do que aquele goleiro”.	A entrevista de Lula dizendo que a mídia tinha vendido que “esse homem” tinha sido agredido dá sentido ao princípio da informação como mercadoria, da banalização.
Frase de impacto	Dilma Rousseff: “Essa campanha não pode se pautar por <i>níveis de agressão</i> nem por ficar criando <i>factoides</i> ”.	A voz de Dilma afirmando que rejeita o desfecho do fato é utilizada, contextualizada ao fato dela quase ter sido atingida por uma bexiga de água.
Justificação	ALA: “Lula e Dilma se referem a uma imagem exibida pelo SBT, <i>mas a imagem revela uma cena ocorrida antes da agressão a Serra</i> ”.	A partir dessa fala, a reportagem permanece 03’14” justificando que o candidato José Serra teria sido agredido por um outro objeto, além da bola de papel.
Justificação/Frase de impacto/Elemento	ALA: “o senhor garante que teve um segundo momento?” Perito Ricardo Molina: “ <i>Com certeza absoluta!</i> ”	A reportagem utiliza recursos gráficos e imagem de celular para explicar que o candidato José Serra foi atingido por outro objeto. A cena da entrevista com o especialista em análise de vídeos é ilustrativa. Ele tem nas mãos uma fita adesiva e uma bolinha de papel e repete os movimentos dos objetos na própria cabeça.
Frase de impacto	José Serra: “Eu <i>fiquei tonto, um pouco grogue</i> , mas não cheguei a desmaiar”. Aqueles que pensam que houve simulação, <i>estão me medindo com a régua deles</i> ”.	A reportagem é encerrada com o depoimento de José Serra reafirmando tudo que a reportagem tentou justificar. No final da fala do entrevistado, o jargão mais usado nos debates da campanha de Serra, “ <i>estão me medindo com a própria régua</i> ”.

No quadro acima são descritas algumas marcas discursivas do processo de construção do acontecimento pelo *Jornal Nacional*. Percebe-se que foram utilizadas fontes diversificadas, como o Presidente Luiz Inácio da Silva, a então candidata adversária Dilma Rousseff, o perito em análise de vídeos, Ricardo Molina e, por último, o candidato José Serra. Essa ordem de vozes clarifica uma escala ascendente para reforçar o objetivo de justificar que houve realmente uma segunda agressão e que a vítima não estaria simulando um espetáculo midiático.

Infere-se que o espetáculo é a própria reportagem, já que contempla as *Frases de Impacto*, assim como na concepção do *fatalório frasal* de Karl Kraus *apud* Marcondes Filho (2009, p.23): “A frase, como algo que se coloca antes da coisa, impedia a informação, era o domínio da língua somente para obter seus efeitos. A repetição e a ironização neutralizavam o horror”. Deslocando esse conceito para os tempos atuais, visualizamos uma imprensa que reduz, repete e banaliza os fatos, superdimensionando temas que, podem até ser de interesse público, mas não de cunho social. Essa postura é



empregada propositalmente pela mídia para aumentar a polêmica e o embate entre os adversários políticos, na tentativa de atrair mais audiência, ou até mesmo favorecer determinado candidato.

Essa percepção se dá também pela evidencia de que a reportagem em análise exibiu 7 minutos e 5 segundos de vídeo sobre o acontecimento, desse tempo, quase metade foi de imagens, recursos gráficos, argumentações, locuções e entrevistas repetitivas e redundantes com palavras e expressões impactantes. Percebe-se que esse movimento criado pelo produto jornalístico foi de extrema vitimização do candidato José Serra, pois mobilizou *Elementos dramáticos* para dar esse sentido ao telespectador. O efeito da frase, utilizado nesse processo sensacionalizante pode ser comparado ao que Marcondes Filho (2009) exemplifica com a perda da capacidade imaginativa causada pela imprensa, esta que produz uma indiferença nos receptores, como forma de se entregarem da frase ao ato.

O cerne da reportagem é a *Justificação* de que José Serra foi atingido por um segundo objeto e, portanto, não fingiu a dor que foi midiaticizada no dia anterior. O produto jornalístico contextualizou todo o ocorrido e apresentou um especialista em análise de imagens, que encena na própria cabeça e afirma contundentemente que houve um outro objeto mais agressivo do que uma bola de papel. Para reafirmar essa posição, o encerramento utiliza uma entrevista de José Serra repetindo tudo o que a reportagem insistiu durante quase 7 minutos e usando expressões de impacto para rebater as acusações de fingimento sobre o fato. Todos esses recursos são utilizados na tentativa de causar um “linchamento mediático” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 45), ou seja, com o propósito de atingir os planos do inconsciente e do emocional dos telespectadores.

Na tabela a seguir, indícios e inferências pertinentes no artigo publicado no site *OI, JN e o meteorito de papel*, de Washington Araújo, escritor e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UNB)⁵, e respectivos comentários de internautas.

⁵ <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=613JDB001> (26/10/2010).



OI	Marcas das processualidades	Inferências
Partidarização da mídia	“Ânimos exaltados fazem aflorar ainda mais a partidarização da imprensa no corrente pleito de 2010”.	Opinião do articulista sobre a <i>partidarização da imprensa</i> . Para ele, o propósito da reportagem era defender/apoiar José Serra.
Espetacularização	“Tudo o que não é fato vira notícia”. “A mentira antecede o depoimento”.	Essa afirmação expressa a abordagem do <i>espetáculo</i> , da <i>banalização</i> das informações sobre política.
Espetacularização	“Efeito Borboleta: uma simples bolinha de papel bateu na cabeça do candidato José Serra... foi suficiente para produzir o festejado efeito cinematográfico: ocupou espaço nobre no <i>Jornal Nacional</i> , edição mais que caprichada...com o intuito nada ingênuo de transformar o choque de uma bolinha de papel ... com a gravidade e contundência de meteorito se chocando com o planeta Terra”.	Esse trecho resume o objetivo do texto que é se opor ao <i>exagero</i> da reportagem veiculada.
Espetacularização	“Tinha de tudo mesmo”. “em um veículo e em um horário em que cada segundo vale literalmente ouro em pó”.	O crítico ironiza a extensão da reportagem, o detalhamento e a ampla cobertura do fato.
Equívoco/Espetacularização	“O de José Serra, carregado de dramaticidade, tendo a locução de repórter desconhecida emulando a voz de Ilze Scamparini”	Nesse trecho o articulista comete um grande equívoco. Essa matéria que ele descreve na crítica foi exibida no Jornal da Globo e não no Jornal Nacional. [O texto de locução é praticamente o mesmo, porém quem narra é uma repórter. Além disso, ela utiliza outras imagens e mais fontes, como o médico que atendeu o candidato].
Incredibilidade	“O ex-professor Molina comumente faz declarações sobre ações da perícia criminal oficial, mesmo sem nunca ter sido perito criminal oficial”.	Crítica o uso da fonte, como um pseudo-perito midiático, como voz oficial de casos misteriosos.
Superficialidade	“a profundidade a que me refiro é tal que uma formiga de joelhos poderia atravessar sem o menor risco de afogamento”.	Essa afirmação expressa a opinião sobre a superficialidade utilizada na cobertura das eleições 2010 pela grande mídia.



Comentário 1:
“1) Houve um outro objeto atirado contra o candidato. 2) O médico diz textualmente que havia uma zona traumatizada (na Record veja a marca 1:13) ⁶ ... (no SBT veja a marca 2:03) ⁷ ... O duro é aguentar artigos como o do Washington Araújo e do Luciano Martins Costa”. O.S, São Paulo, SP, pesquisador científico.
Comentário 2:
“O. S. e os demais, neste link é feita uma análise do vídeo do celular, o que provaria o lançamento de um segundo objeto sobre José Serra. Se a análise estiver correta, temos em mãos uma manipulação deplorável feita pelo JN... Vejam aí: <i>link</i> ⁸ ”. R.P, Araraquara,SP, professor.
Comentário 3:
“Meu caro O.S, você anda assistindo muito à Globo. Aquela gente faz bala de canhão dobrar esquina. Procure no Google sobre Proconsult e Leonel Brizola...sobre o debate presidencial Collor x Lula. Vá ao blog do Rodrigo Vianna que você encontrará depoimentos estarrecedores sobre a Globo e seus “jornalistas”. Meu querido, não acredite nas mágicas do JN. Elas deixam o sujeito alienado”. L.P, Rio de Janeiro,RJ, advogado.
Comentário 4:
“O que me conforta nessa história toda é que, depois de tanto malabarismo midiático e partidarizado para provar o peso de sua verdade particular, José Serra será sempre lembrado por ter sido o protagonista de uma farsa envolvendo uma bolinha de papel”. J.B, Rio de Janeiro-RJ – jornalista.

Considerando que o ato de criticar é relativo e autônomo, por ser o julgamento do mérito pertencente à ordem da liberdade de espírito, para efeito dessa análise não interessa tanto a ideia exposta e compartilhada pelos articulistas e comentaristas, ou seja, os seus níveis político-ideológicos. Analisam-se primordialmente as processualidades interativas desempenhadas para a construção crítica sobre o episódio comunicacional da bola de papel.

Nessa perspectiva, o artigo apresentado no *OI* é um exercício intelectual e lógico que se opõe ao tratamento dado pela grande mídia sobre o caráter de *Superficialidade* das apurações e inexistência de temas de relevância social, sem critérios de noticiabilidade. Washington Araújo constata a *Partidarização da mídia* em apoio ao candidato José Serra e, conseqüentemente, o uso de recursos jornalísticos de *Espetacularização* por ela, para desqualificar a candidata Dilma Rousseff e seus aliados militantes petistas. No artigo do *OI*, explicita-se a ironização e a revolta sobre a abordagem exagerada da reportagem exibida pelo *Jornal Nacional*. Além disso, o autor critica a entrevista com o perito Ricardo Molina, na tentativa de atribuir-lhe *Incredibilidade*, por ser uma personalidade que está sempre à frente, protagonizando as reportagens da Rede Globo, como fonte de análises de vídeos, desenvolvendo “ações da perícia criminal oficial, mesmo sem nunca ter sido perito criminal oficial”.

⁶ Pode ser visualizado em: <http://noticias.r7.com/videos/militantes-do-psdb-e-do-pt-se-agridem-na-visita-de-serra-na-zona-oeste-do-rio/idmedia/7586fc9d97f60d3e9b3319e5b0ab0396.html>

⁷ Pode ser visualizado em: <http://www.sbt.com.br/jornalismo/noticias/?c=1172&t=Serra+%E9+atingido+durante+caminhada+por+objeto+n%E3o+identificado>

⁸ Pode ser visualizado em: http://www.youtube.com/watch?v=CwcIELvBCXA&feature=player_embedded



O articulista Washington Araújo comete um erro: a matéria que ele descreve foi assistida no Jornal da Globo do dia 21 de outubro⁹. Esse poderia ser um *Equívoco* grave, já que são utilizados fortes recursos descritivos sobre a matéria para sustentar a crítica. No entanto, nesse caso, por ser a mesma abordagem sensacionalizante nos dois telejornais, não prejudicou a construção crítica central.

Os artigos geraram 39 comentários de internautas das mais variadas áreas de atuação (contador, músico, professor, analista de sistemas, industriário, psicólogo, jornalista, taxidermista, aposentado, funcionário público, advogado, médico, biólogo, publicitário e pesquisador científico). Parte deles contempla a opinião dos articulistas e faz uma observação pessoal sobre o tema, como exemplo o *Comentário 4*. Em contrapartida, há poucos que discordam e não medem palavras para explicitarem suas opiniões, como o *Comentário 1*.

Quando se trata de política, as críticas se constroem basicamente pela posição político-partidária de quem as escreve. O espaço do *OI* se propõe a ser um ponto de divergências, dentro da visão da “nova crítica”, defendida por Marcondes Filho (2002), de assumir oposições e paradoxos para conviverem em um mesmo território. É justamente esse espaço múltiplo que possibilita afirmar que nessa parte do *dispositivo interacional* há abertura para a diversidade interativa e para a expansão de horizontes.

Conforme Braga (2002, 2006) essa possibilidade de interação em um ambiente diferido e difuso gera processos interpretativos que estão além do que a mídia produz, e sim nas respostas das práticas sociais, a partir do que a sociedade apresenta. Sendo que, as ações dos articulistas e comentaristas podem se misturar e se interferirem mutuamente, caracterizando-se em contrapropositivas, interpretativas, proativas, corretoras de percurso, controladoras, seletivas, polemizadoras, laudatórias, de estímulo, de ensino, de alerta, de divulgação, venda, etc.

Nas marcas discursivas, interpretadas nesta análise, foi possível constatar que as produções realizadas tanto pelos articulistas quanto pelos comentaristas se constroem transversalmente dentro de uma *disputa de egos* nas suas colocações críticas. Assim, os comentaristas são partes da produção do *OI* e estimulam novos comentaristas a ingressarem no dispositivo. Isso fica nítido nos comentários 1, 2 e 3, pois o comentarista se dirige a outro comentarista, ao invés de direcionar-se ao articulista que propôs a discussão.

⁹ É a mesma abordagem, porém os narradores são diferentes e são usadas mais fontes, como o médico que atendeu José Serra, além dos presidentes dos dois partidos (PSDB e PT). Pode ser visualizado em: <http://g1.globo.com/videos/jornal-da-globo/v/lula-diz-que-jose-serra-teria-inventado-agressao/1360775/#/Edi%C3%A7%C3%B5es/20101021/page/1>



A partir dessa processualidade surgem inúmeras possibilidades e probabilidades de interações e produções críticas entre articulistas e comentaristas despertadas no leitor/internauta não comentarista (que não explicita sua opinião nos rodapés dos artigos, ou seja, que não está visível e polemizado no processo comunicacional). A *resposta social* a esses processos e práticas comunicacionais (pode haver, ou não) é a reação explícita e compartilhada desse leitor/internauta tocado pelos produtores midiáticos, pelos articulistas e pelos comentaristas, ou seja, nesse momento, a resposta da crítica é colocada em *circulação social* que pode ajudar a formar uma opinião mais contundente sobre determinado episódio midiático.

Nos comentários 1, 2 e 3 percebe-se que, em seus conteúdos, são pronunciados novos locais de informação para formar a opinião, como *links* de vídeos sobre o assunto. Estas interações podem ser consideradas ricas, pois propõem subsídios para uma elaboração crítica sobre as estruturas e processos, em vez de impressionisticamente se fazer uma avaliação sobre a questão em discussão. “Um sistema crítico-interpretativo bem desenvolvido se torna competente para agir positivamente sobre um sistema de produção, induzindo qualidade” (BRAGA, 2002, p.33). Esta afirmação do autor reforça o entendimento de que as interligações oferecidas no *OI* fornecem bases, vocabulários e critérios para o usuário, em seu esforço de seleção, interpretação e escolha dos produtos jornalísticos com que se defronta.

Considerações

O sistema crítico-interpretativo trabalhado nesse artigo faz parte de um *dispositivo interacional* complexo que exige autonomia por parte dos produtores-receptores. A análise mostra que no *Observatório da Imprensa (OI)* há autogerência das opiniões explicitadas. O caráter da transversalidade desta parte do *dispositivo* deixa claro que os comentaristas procuram outros meios para sustentarem seus argumentos.

Não há uma verdade absoluta no *OI*, pois ele está aberto inclusive para a crítica da crítica. O que subsidia a interação são as competências extramidiáticas, a autonomia interpretativa dos comentaristas que se mostram, pelo menos nesse *corpus*, independentes, mesmo quando concordam com o articulista. Constata-se que o espaço criado é um sistema bem desenvolvido de crítica da mídia.

Acredita-se que a construção crítica gerada nesse circuito de *circulação: reportagem do Jornal Nacional – crítica no OI – comentários dos internautas* apresenta uma diversidade que estimula uma cultura de opções pessoais, de formação de opinião



sobre os descaminhos da mídia e a afetação que isto provoca nos demais setores da sociedade.

Nesta análise, foram mapeados diferentes níveis de interlocução de processos e produtos, para assim, detectar a processualidade da construção crítica. Com isso, pode-se afirmar que a espetacularização produzida pelo *Jornal Nacional*, sobre a bola de papel e o rolo de fita adesiva que *supostamente* atingiram José Serra, causou reação crítica no debate público. A polêmica ficou acerca da produção jornalística, mais do que sobre o fato.

Os elementos que contribuíram para essa construção crítica-irônica foram: o espaço cedido ao fato pelo jornal de maior audiência do Brasil, assim como as repetições de *frases*, recursos de dramatização e a tentativa explícita de justificar que o candidato José Serra não estava simulando o sofrimento pela agressão.

Portanto, considera-se que neste episódio houve manipulação das palavras, ou o uso de recursos jornalísticos de linchamento midiático. É através dessa prática que os jornalistas exercem a violência simbólica. Esta situação pode ser amenizada, ou *domesticada* por meio do movimento da “informação sobre a informação” que Ramonet (1999) apresenta dizendo que os cidadãos devem esperar que a mídia se submeta à crítica, que se desenvolvam análises sobre o seu próprio funcionamento. Esta processualidade é uma forma de reconquistar a *confiança* que firma vínculos entre mídia e sociedade.

Referências:

BRAGA, José Luiz. **Dispositivos Interacionais**. Excerto do Projeto de Pesquisa “Dispositivos Interacionais – Estudos de casos em contexto de midiaticização” – Unisinos/CNPq 2011-2015. São Leopoldo, 2010. 4 p.

_____, José Luiz. **A Sociedade Enfrenta sua Mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

_____, José Luiz. O Sistema Social Crítico Interpretativo. In: Aidar Prado, J.L. (Org.). **Crítica das práticas midiáticas**. São Paulo: Hacker, 2002, p. 27-43.

MARCONDES FILHO, Ciro. Karl Kraus, o jornalismo e os impasses do momento atual. In: _____, Ciro. **Ser jornalista**: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria. São Paulo: Paulus, 2009. v. 01. p.14-63

_____, Ciro. Media criticism ou o dilema do espetáculo de massas. In: Aidar Prado, J.L. (Org.). **Crítica das práticas midiáticas**. São Paulo: Hacker, 2002, p.14-26.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.